Almir Dalpasquale
Presidente da Aprosoja Brasil

FALTA POLÍTICA SANITÁRIA AJUSTADA AO DINAMISMO DO CAMPO

Por Paulo Roque

O tempo de resposta do Governo é longo, o que dificulta organizar um plano de controle de pragas, como a *Helicoverpa armigera*, segundo Almir Dalpasquale, que, nesta entrevista à ***Agroanalysis***, faz uma análise da situação da principal *commodity* agrícola do País.

Dalpasquale é produtor rural desde 1988, com propriedades na região norte do Mato Grosso do Sul. Atualmente, é presidente da Associação dos Produtores de Soja do Brasil (Aprosoja Brasil) e da Comissão de Grãos da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Ocupa, ainda, os cargos de diretor tesoureiro da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Sistema Famasul) e de diretor executivo do Fundo de Desenvolvimento das Culturas do Milho e da Soja de Mato Grosso do Sul (Fundems). Foi presidente da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul (Aprosoja/MS) por duas gestões, desde sua fundação, em 2007, até 2013.

AGROANALYSIS **Nesse primeiro ano de gestão na presidência da Aprosoja, qual foi o maior desafio?**

ALMIR DALPASQUALE Apesar de tantos desafios, a questão da sanidade vegetal chamou a atenção pela complexidade e nos tomou bastante tempo e energia em 2014. Infelizmente, o Brasil ainda perde muito por não ter uma política de defesa sanitária ajustada ao dinamismo e à necessidade do campo. Isso fica bem claro quando uma praga nova entra no País e vemos o tempo de resposta do Governo para liberar produtos de defesa e organizar um plano de controle. Esse foi o caso com a lagarta *Helicoverpa armigera*, que expôs a precariedade de todo um sistema de registro e disponibilização de tecnologias, inclusive de produtos genéricos e biológicos.

Vimo-nos obrigados a elaborar listas de produtos prioritários e trabalhar intensificando a pressão política sobre os órgãos de registros. Por fim, percebemos o grande gargalo, a lei e as normas atuais encoleiraram a Ciência e soltaram as feras da burocracia, criando um grande cartório. Se considerarmos o prazo médio de registro de seis anos para um produto novo, significa condená-lo a ser lançado já obsoleto. Por isso, trabalhamos bastante em cima de uma proposta de atualização do marco legal de agrotóxicos e de defesa vegetal. Mas, como é um assunto para ser resolvido no médio prazo, ainda teremos muito trabalho neste ano.

AGROANALYSIS **A questão dos *royalties* da soja transgênica ainda não está resolvida?**

AD Esse é outro tema muito relevante para a cadeia. Teremos de trabalhar muito para resolvê-lo. Embora a tecnologia RR1 já seja um assunto superado, especialmente com a queda da patente em domínio público, novas tecnologias estão disponíveis aos produtores, e outras estarão em breve no mercado. O grande problema, hoje, é a forma como é feita a cobrança. Foi criado um sistema em que se cobra na semente e se faz um controle na comercialização. Infelizmente, como ainda há um risco de contaminação



> “...A BIOTECNOLOGIA JÁ ESTÁ ENRAIZADA NA PRODUÇÃO BRASILEIRA.”

de cargas de soja no transporte e nos armazéns, pode haver uma cobrança injusta. Além disso, há uma falta de coordenação dentro da cadeia global. Isso ficou claro no problema judicial da *trader* Cargill com a Syngenta nos Estados Unidos. No Brasil, a questão é outra, embora também envolva a segregação. Aguardamos, há um ano, um acordo entre *traders*, cerealistas e cooperativas com a Monsanto para o controle do uso da tecnologia no momento da sua venda, sem o qual a comercialização da soja transgênica fica prejudicada. Por isso, precisamos de uma forma de remuneração mais justa pela tecnologia, como foi combinado em 2013. Nossa expectativa é de resolver esse assunto até o final do primeiro semestre deste ano.

AGROANALYSIS Podemos considerar a biotecnologia como consolidada na sojicultora nacional?

AD Acreditamos que a biotecnologia já está enraizada na produção brasileira. Dizemos isso porque mais de 90% da área plantada com soja são feitos com a tecnologia transgênica. Essa adoção ajudou o Brasil a se tornar exportador de alimento, junto, é claro, com todas as demais tecnologias usadas nas lavouras, agroquímicos, maquinários e tecnologias de manejo.

AGROANALYSIS A regulação do refúgio sanitário para os produtores passa pela autogestão da cadeia produtiva da soja?

AD A Aprosoja Brasil, em parceria com outras entidades, está promovendo a discussão sobre o refúgio. No ano passado, fizemos um trabalho, junto do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) e da Embrapa, para definir melhor as formas de se aplicar o manejo nas lavouras do País. Até o momento, criamos um Grupo Técnico, no qual estão presentes a indústria, as entidades e os pesquisadores. Todos discutem a melhor forma de se estabelecer o tamanho da área ideal para se implantar refúgio. Estamos tentando, ainda, construir uma instrução normativa, junto com o MAPA, que também deve ser liberada nos próximos meses. A ideia é fazer políticas de conscientização e mostrar ao produtor que a necessidade é de se fazer um manejo adequado. Estamos tendo o cuidado de construir uma normativa com responsabilidades compartilhadas, acomodando a fiscalização e um cadastro de produtores.

> "OS FERTILIZANTES PRECISAM EVOLUIR PARA UMA NOVA REALIDADE, COM MENOR RELAÇÃO ENTRE USO E DISPONIBILIDADE PARA AS PLANTAS."

AGROANALYSIS Estamos sendo competitivos na área de defesa sanitária em termos de novos produtos?

AD Como adiantamos, com o prazo atual para registrar produtos novos, genéricos ou biológicos, estamos na lanterna de todos os países que utilizam a tecnologia. Hoje, o Brasil trabalha com o material já disponibilizado. Sabemos, no entanto, que nossos vizinhos e competidores no mercado internacional já têm à mão produtos não só melhores, como mais baratos. Ou seja, além da falta de agilidade, ficamos com um produto muito mais caro para ser adquirido. Com isso, um inseticida para lagarta que custa US$ 25,00 por hectare na Austrália aqui não sai por menos de US$ 75,00. Por isso, além de tudo, ainda temos contra nós o Custo Brasil.

AGROANALYSIS Qual é a tendência nos prêmios dos preços para as culturas convencionais em relação às transgênicas?

AD Na verdade, isso tem variado muito e depende de acerto da empresa com os produtores. Acredito que seja o principal fator influenciador na adoção da soja convencional hoje. Antigamente, os produtores recebiam por saca um prêmio de R$ 2,50 a R$ 3,00. Estes valores não eram considerados um estímulo. Agora, já tivemos notícias de até R$ 6,00. O sentido melhorou, embora ainda não seja suficiente para elevar o interesse dos produtores em plantar soja GMO *free*. Ainda nesse sentido, há a necessidade de um maior controle da qualidade da semente, manejo dos campos e da segregação. O mercado comprador exige o máximo de 0,1% de presença de soja transgênica na carga entregue. Por isso, esse prêmio precisa subir mais, para dar retorno e para que valha a pena todo esse trabalho.

AGROANALYSIS Como avaliar os últimos resultados apresentados pela Anvisa com relação ao Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA)?

AD Escrevemos até um artigo no qual parabenizamos a mudança de postura da Anvisa. Quando os fatos são analisados à luz da Ciência, falarmos de um setor sério, cumpridor de normas e com trabalho dentro da técnica fica mais claro. O grande furo, anteriormente já destacado, está na legislação e no sistema de registro em condenar à ilegalidade as principais frutas, legumes e verduras consumidas pelos brasileiros. Pelo fato de o seu mercado ser pequeno, não existem produtos registrados para estas culturas. Com isso, os produtores são obrigados a usar produtos dentro da dose, do limite e da técnica estabelecidos para a mesma praga ou doença, porém destinados a outras culturas, muitas vezes da mesma família botânica. O produto não fica contaminado, mas há uma inconformidade: na bula, não consta a destinação para a cultura, uma coisa inconcebível e uma falha na regulamentação.

Ao dizer que o alimento não está contaminado e que o consumidor pode fazer a sopa de abobrinha, a Anvisa deu um passo importante em direção à solução do problema. Agora, podemos concentrar-nos no problema real, e não ficar nos defendendo quanto a estarmos usando produtos fitossanitários sem controle e poluindo e intoxicando a todos.

AGROANALYSIS **Em termos de sustentabilidade, a tecnologia aplicada na soja pode ser considerada avançada?**

AD Sem dúvida. Temos as principais tecnologias hoje disponíveis aos produtores rurais brasileiros, de todas as culturas – soja, milho, algodão, feijão, café etc. Na soja, usamos um inoculante para substituir a necessidade de fertilizante nitrogenado. Com isso, reduzimos o consumo de derivados do petróleo. Fazemos, ainda, plantio mínimo e direto na palha, de modo a melhorar a infiltração de água no perfil do solo, elevar a matéria orgânica e reduzir a necessidade do uso de máquinas no preparo do solo.

Temos muito para avançar, por exemplo, na agricultura de precisão, que deve virar uma realidade e uma necessidade nos próximos anos. Precisamos construir um manejo de pragas e doenças mais avançado. A entrada de produtos biológicos para o solo e para a área das plantas será um passo importante para isso acontecer. Os fertilizantes precisam evoluir para uma nova realidade, com menor relação entre uso e disponibilidade para as plantas; enfim, todos aqueles desafios apontados pela Ciência e pela Pesquisa como uma necessidade e como metas a serem perseguidas.

AGROANALYSIS **A falta de chuva deverá prejudicar a colheita da safra 2014/15?**

AD Na verdade, assistimos, até agora, a um atraso nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, em torno de uns vinte dias. Em seguida, as chuvas intensificaram-se, e, agora, o regime está normal. Já, na região do MAPITOBA, a estiagem registrada poderá atrapalhar um pouco. Mas, a expectativa é de uma normalização das chuvas de agora em diante.



> “SE O DÓLAR É SALVADOR AGORA, MATA-NOS ALI ADIANTE, COM O REAJUSTE DOS INSUMOS E A INFLAÇÃO INTERNA, QUE LEVA PARTE DO NOSSO FATURAMENTO.”

Para a colheita, o risco é de um excesso de chuva e do aparecimento de problemas como as doenças de final de ciclo, em especial com a ferrugem. Os descontos após a classificação da soja também tendem a aumentar e, assim, reduzir a renda dos produtores e aumentar a animosidade dentro da cadeia.

AGROANALYSIS **As recentes quedas nos preços internacionais são sinais de um ciclo de baixa na sojicultora?**

AD A agricultura tem ciclos. Sabemos disso. Mas, não diria que estamos em um ciclo de baixa, e sim de transição. E, por isso, é preciso ter cautela. Os produtores brasileiros precisam manter os pés no chão, não fazer grandes investimentos e se manter abaixo de seu limite de endividamento. Se o dólar valorizado é salvador agora, mata-nos ali adiante, com o reajuste dos insumos e a inflação interna, que leva parte do nosso faturamento. Muitos travaram negociações em dólar e, a essa altura, já se endividaram. O momento é de ou se manter com o que tem, ou queimar parte da gordura acumulada nas últimas safras.

Sobre as cotações em Chicago, arriscamo-nos a dizer que devemos voltar para a base de US$ 11,00 por *bushel*. As oscilações devem ficar dentro deste eixo. Não acredito em soja a US$ 9,00, porque se desestimula o mercado, e sabemos que a demanda não desaparecerá (leia-se China e países do Sudeste Asiático). Os fundos também estão alvoroçados com rumores de crises e devem partir ou para o dólar, ou para as *commodities*, e a soja tem se mostrado um refúgio seguro para os investidores nos últimos sete anos. ■